



XII COLOQUIO NACIONAL E V COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

MULHER NEGRA E EDUCAÇÃO SUPERIOR: IMPASSES HISTÓRICOS E ATUAIS

João Paulo Lopes dos Santos¹
Núbia Regina Moreira²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a mulher negra no campo universitário. Buscando apresentar o contexto histórico no qual se forja a trajetória de escolarização dessa mulher. O objetivo é ensejar um breve debate sobre o processo histórico da escolarização no ensino superior da mulher negra no Brasil. A carência de oportunidades associada à pobreza são condições racializadas e historicamente constituídas, e devem ser interpretadas como tal.

O trabalho se justifica na premissa de que a inferiorização do negro e de sua cultura ainda imprime marcas expressivas em diversos microcosmos sociais, notadamente na escola, em que as práticas educativas tendem a ressaltar a cultura europeia em detrimento das culturas indígena e negra.

Portanto, para ser democrática e cidadã, a instituição escolar dever inserir no bojo de suas discussões, como também nas suas práticas e no currículo, as questões de raça e gênero. Pois, “compreende-se, [...] que a escola, campo específico de educação, não é um elemento estranho à sociedade humana, um elemento separado, mas uma “instituição social” [...]” (O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 1932).

METODOLOGIA

A abordagem metodológica é qualitativa com delineamento bibliográfico. A produção de dados que contribuíram para solidificar o debate teórico deu-se mediante informações extraídas do “Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2013).

1 UESB/Brasil/ jpuesb@gmail.com

2 UESB/Brasil/ nrmoreira2@yahoo.com.br



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira escola de ler e escrever fundada pelos jesuítas no ano de 1549 destinava-se à instrução cultural dos varões das famílias ricas e brancas da sociedade da época (STAMATTO [s. d.]). No período colonial, a instrução das mulheres foi convergida, quase sempre, para as tarefas domésticas.

No que diz respeito às mulheres negras, o acesso das mesmas à educação se deu por volta de 1720, período em que se registram os primeiros relatos de instrução da população negra na colônia (QUADRA, 2014). O direito ao ensino público para os negros somente foi outorgado no final de 1870 com a reforma do Ensino Primário e Secundário.

O ingresso das mulheres na universidade só ocorreu em 1837 nos Estados Unidos, com a fundação de universidades restritas ao público feminino, as *women's college*. No Brasil, as mulheres obtiveram o direito de estudar na universidade somente em 1879, conforme consentimento do então Imperador Dom Pedro II. Porém, a presença da mulher na universidade brasileira só se consolidou no final do século XIX, marcada pela inserção da primeira mulher em uma universidade do Estado da Bahia no ano de 1887, completando seus estudos em um dos cursos genuinamente masculino, a medicina.

Desde então, vem crescendo o número de mulheres ingressantes no ensino superior. Um estudo publicado no Portal Brasil mostra que no último ano do decênio, do total estimado de 6 milhões de matrículas, 3,4 milhões foram de mulheres, contra 2,7 milhões de homens (BRASIL, 2015).

No que diz respeito à presença de mulheres negras nos espaços universitários, há uma deficiência na literatura em apresentar um movimento incipiente que evidencie em qual momento deste processo se deu o acesso das mesmas ao ensino superior brasileiro.

Contudo, é fundamental registrar as marcas que duas mulheres imprimiram na história da educação de mulheres negras no Brasil. Antonieta de Barros e Enedina Alves Marques. Duas mulheres negras que contrariaram as forças ideológicas e sociais do seu tempo, as quais as empurravam para uma direção oposta aos seus objetivos: a educação.

Antonieta de Barros (foto 1), filha de ex-escrava, nasceu em Florianópolis. Ingressou na Escola Normal Catarinense aos 17 anos, concluindo seu curso em 1921. Trabalhou como professora de Língua Portuguesa e Literatura, exercendo o magistério na maior parte de sua vida. Em 1934 foi eleita para o legislativo, tornando-se a primeira



deputada estadual negra do país e a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Câmara Estadual dos Deputados de Santa Catarina.



Antonieta de Barros (Foto 1: Portal G1/2016)

Enedina Alves Marques (foto 2) foi a primeira mulher e negra a concluir o curso de graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, em 1945. Enedina conseguiu quebrar paradigmas e ultrapassar os espaços hegemonicamente dominados pelos homens e brancos, tornando-se assim a primeira engenheira negra do Brasil (SANTANA, 2013).



Enedina Alves Marques (Foto 2: CEERT/2016)

Pode-se dizer que ser negro no Brasil é estar submetido a diversas formas de preconceitos e disparidades nos diversos setores da sociedade, sobretudo no educacional.

Segundo Marcondes *et al.* (2013), recentemente, a participação das mulheres negras no acesso ao ensino superior tem aumentado, seja por meio de políticas de expansão do ensino como o Programa Universidade Para Todos (*ProUni*), ou mediante ações afirmativas fomentadas pelo Estado (IPEA, 2013). No entanto, elas ainda são a minoria nos bancos das universidades.



Mas, se tem elevado o número de mulheres negras no ensino superior, porque elas ainda ocupam posições inferiores nos diversos setores da sociedade? Segundo dados do IPEA (2013), isso está relacionado ao fato do duplo preconceito que ainda permeia a sociedade brasileira: o de gênero, enquanto mulheres, e o de raça, por serem negras. Mesmo escolarizadas, muitas ocuparão postos de trabalhos menos valorizados. As mulheres negras ainda são a maioria no trabalho informal e no serviço doméstico, estas são provenientes das camadas mais pobres da sociedade (IPEA, 2013).

É importante ressaltar que algumas dessas mulheres, mesmo indo de encontro às barreiras impostas pela sociedade, ingressam na universidade, logrando posição exímia no meio social, no entanto, continuam a enfrentar as barreiras ainda existentes.

TECENDO CONSIDERAÇÕES

A educação para a mulher negra aconteceu de modo limitado em comparação àquela dispensada aos homens. Para os negros, a condição de aprendizagem era ainda degradante, haja vista sua condição estigmatizada pela cor de sua pele e pelas heranças escravocratas.

Apesar dos avanços, a frequência da mulher negra no ensino superior ainda é ínfima. Salvo as posições logradas por Enedina Alves Marques e Antonieta de Barros, a inserção da mulher negra na universidade contemporânea, quase sempre indica a ocupação, no mercado de trabalho, de cargos com menor prestígio e remuneração.

Neste cenário, é pertinente questionarmos que ações políticas e sociais se fazem preponderantes para que as mulheres negras ultrapassem as barreiras que enfrentam no ingresso e permanência no ensino superior? Sem dúvidas, é fundamental redesenhar na tela das desigualdades um caminho possível de equidade mediante políticas públicas, através de ações direcionadas à valorização das qualificações distintas adquiridas pelas mulheres negras no seu processo de escolarização, na forma de prestígio e remuneração de suas carreiras.

Palavras-chave: Educação Superior. História. Mulher Negra.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Mulheres são maioria no ingresso e na conclusão de cursos superiores. MEC/2015.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

MARCONDES, M. M.; PINHEIRO, L.; QUEIROZ, C.; QUERINO, A. C.; VALVERDE, D. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). Revista HISTEDRB On-line, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas_gov_vagas.html>

QUADRA, R. R. **PROJETO PÉROLAS NEGRAS: valorização da diversidade cultural na escola**. Anais do congresso de pesquisa e extensão e da semana de ciências sociais da UEMG/Barbacena. v. 1, n. 1 (2014).

SANTANA, J. L. **Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular**. Curitiba, 2013. Monografia (Bacharelado em História) - Departamento de Memória e Imagem do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

STAMATTO, I. S. UM OLHAR NA HISTORIA: A MULHER NA ESCOLA (BRASIL: 1549 – 1910). **Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRN**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>> Acesso em: 19 de nov. de 2016.

SITES

CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. Disponível em: <<http://www.ceert.org.br/noticias/direitoshumanos/7106/enedinaalvesmarquesaprimeira engenheiranegradobrasil1913198>>. Acesso em 18 de nov. 2016.

Portal G1. Disponível em < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/03/a-historia-da-deputada-filha-de-ex-escrava-que-inspira-ativistas-negras-no-brasil.html>> Acesso em: 21 de nov. 2016.